

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**

ISADORA CRISTINA SANTOS GUIMARÃES

**EXPERIÊNCIAS DE VIDA ESTUDANTIL PERPASSANDO PELA DECISÃO DA
CARREIRA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA MINHA CONSTITUIÇÃO COMO
PEDAGOGA**

Mariana, MG

2024

ISADORA CRISTINA SANTOS GUIMARÃES

**EXPERIÊNCIAS DE VIDA ESTUDANTIL PERPASSANDO PELA DECISÃO DA
CARREIRA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA MINHA CONSTITUIÇÃO COMO
PEDAGOGA**

MEMORIAL DE FORMAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso – Memorial de formação - apresentado como requisito parcial para aprovação na disciplina de Seminário VII e obtenção do título de licenciatura em pedagogia pela Universidade Federal de Ouro Preto.

Orientadora: Prof. Marlice de Oliveira e Nogueira.

MARIANA, MG

2024

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

G963e Guimarães, Isadora Cristina Santos.

Experiências de vida estudantil perpassando pela decisão da carreira e suas contribuições para minha constituição como pedagoga.

[manuscrito] / Isadora Cristina Santos Guimarães. - 2024.

23 f.

Orientadora: Profa. Dra. Marlice de Oliveira e Nogueira.

Produção Científica (Licenciatura). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Graduação em Pedagogia

1. Formação profissional - Professoras. 2. Experiência - Escolas. 3. Memória autobiográfica. I. Nogueira, Marlice de Oliveira e. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 378.091.8

Bibliotecário(a) Responsável: ELIANE APOLINARIO VIEIRA AVELAR - CRB6/3044



FOLHA DE APROVAÇÃO

Isadora Cristina Santos Guimarães

**Experiências de vida estudantil perpassando pela decisão da carreira e suas contribuições
para minha constituição como pedagoga**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal
de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de pedagoga.

Aprovada em 22 de outubro de 2024

Membros da banca

Doutora em Educação - Marlice de Oliveira e Nogueira - Orientadora - Universidade Federal de Ouro Preto
Doutor em Educação - Erisvaldo Pereira dos Santos - Universidade Federal de Ouro Preto

Marlice de Oliveira e Nogueira, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na
Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 22/10/2024



Documento assinado eletronicamente por **Marlice de Oliveira e Nogueira, PROFESSOR DE
MAGISTERIO SUPERIOR**, em 22/10/2024, às 06:09, conforme horário oficial de Brasília, com
fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site
[http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?
acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0798747** e
o código CRC **A053EAB0**.

RESUMO

O presente trabalho apresenta um memorial sobre minhas experiências escolares da educação infantil à graduação e nos espaços escolares, como aluna, trabalhadora e as contribuições dessas fases da vida educacional para minha constituição como pedagoga. O trabalho teve como objetivo construir um memorial, destacando suas contribuições para minha formação e reflexões acerca da constituição do ser pedagogo (a), cotejando as experiências vividas com a literatura científica sobre a temática da formação docente. Além disso, disserto sobre a influência de aspectos diversos na escolha profissional e analiso os elementos da trajetória escolar que contribuíram para minha constituição profissional. O memorial está organizado em quatro seções: na primeira, relato a minha trajetória escolar da educação infantil ao ensino médio; na segunda sobre os processos pelos quais passei que me fizeram escolher a pedagogia como profissão; na terceira abordo as memórias da graduação e, na última, minha análise recai sobre as contribuições de cada fase para minha constituição profissional. A metodologia usada foi o memorial reflexivo dialogado com a pesquisa bibliográfica em que o embasamento teórico foi sustentado pelos autores, Débora Piotto, pesquisadora das trajetórias escolares no ensino superior, Maurice Tardif e António Nóvoa, estudiosos da formação docente. Desse modo, conclui-se que minha constituição como pedagoga se deu por fatores diversos, mas principalmente três se sobressaem: a experiência laboral na área, o exemplo de professoras exitosas e as experiências vivenciadas no período de realização do estágio não obrigatório.

Palavras-chave: Formação docente. Memorial. Vivências formativas.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	Trajetória de vida estudantil da educação infantil até o ensino médio	7
3	A escolha profissional.....	10
4	Vivências na Universidade.....	13
5	As contribuições das experiências escolares para minha constituição como pedagoga	17
6	CONCLUSÃO.....	20
7	REFERÊNCIAS	22

1 INTRODUÇÃO

Este memorial reflexivo, elaborado progressivamente pela própria autora durante o processo de formação no curso de Pedagogia, durante os anos de 2021 a 2024, apresenta experiências escolares da educação básica até o ensino superior, atividades correlatas ao curso como estágio não obrigatório e trabalho como monitora.

Partindo da perspectiva de que a constituição do (a) pedagogo (a) se dá por diversas facetas e dimensões da vida subjetiva, social e profissional, escolhi fazer esse memorial descrevendo as fases significativas de minha vida no ambiente escolar, em um movimento contínuo de “vir a ser professora” e como estas vivências contribuíram para minha constituição como pedagoga e docente.

No artigo Memorial de formação - quando as memórias narram a história da formação (Prado e Soligo, 2005), os autores ressaltam a relevância dos memoriais reflexivos de formação e sua importância em diversos âmbitos do campo acadêmico. Eles fazem a seguinte afirmação:

Afinal, se é necessária a reflexão sobre a prática profissional e se escrever favorece o pensamento reflexivo, a conclusão acaba por ser inevitável: a produção de textos escritos é uma ferramenta valiosa na formação de todos (p.01). Entretanto, para além dos ganhos individuais que a escrita reflexiva favorece, há um aspecto político de igual ou maior relevância: a publicação dos textos produzidos pelos que fazem a educação deste país - narrando suas experiências, revelando seus ideais, refletindo sobre o que fazem - na verdade é uma conquista de toda a categoria profissional (Prado e Soligo, 2005. p.1).

No artigo descrito acima, os autores destacam que vários pesquisadores têm se interessado pela temática da construção de memoriais no processo de formação docente, como, por exemplo, Antônio Nóvoa, Isabel Alarcão, Idália Sá-Chaves, entre outros. Além disso, os memoriais reflexivos, como alertam os autores, se constituem como importantes produções acadêmicas que devem ser utilizadas para reflexão e investigação científica.

Dito isso, o presente trabalho tem como objetivo geral construir um memorial com vivências de minha trajetória estudantil perpassando por processos da escolha profissional e pelas experiências na escola e na universidade, destacando suas

contribuições para minha formação profissional e para reflexões acerca da constituição do ser pedagoga.

Para que o objetivo geral seja alcançado, apresento a literatura científica que ressalta a temática da formação profissional docente, disserto sobre o quanto aspectos diversos interferem na escolha profissional e analiso aspectos da trajetória apresentada no memorial que tenham contribuído para me constituir como pedagoga.

A metodologia usada para a construção deste estudo, foi constituída pelo memorial reflexivo e a pesquisa bibliográfica, em que busco analisar a literatura publicada sobre a temática da formação docente para fundamentar teoricamente os elementos que compõem a minha trajetória educacional e os processos de constituição profissional.

O embasamento teórico será sustentado por três autores e suas obras, abordando três dimensões deste estudo. Primeiramente, retomo obras de Antônio Nóvoa, estudioso português da formação docente que ressalta que no processo formativo devem haver espaços e tempos para o autoconhecimento, a autorreflexão, de forma que os professores partam das suas histórias pessoais e de vida para formar sua identidade profissional. Utilizo também os trabalhos da pesquisadora Débora Piotto, brasileira estudiosa da área da sociologia da educação nas temáticas escolas públicas, universidades e trajetórias escolares.

Além disso, baseio-me na produção científica do autor canadense Maurice Tardif, também pesquisador da área que defende, em sua obra, que a composição da formação profissional do docente envolve aspectos não somente científicos e acadêmicos, mas se constitui também por experiências escolares, culturais, sociais, histórias de vida, saberes construídos nas relações cotidianas a todo momento num movimento reflexivo.

O memorial está organizado em quatro seções, na primeira discorro sobre minha trajetória escolar no período da educação infantil até o ensino médio; na segunda sobre os processos pelos quais passei até escolher o curso superior e optar pela formação profissional em pedagogia; na terceira sobre minhas memórias durante a graduação e a quarta e última, em relação às percepções sobre as contribuições de todas as experiências escolares para minha constituição como pedagoga.

2 Trajetória de vida estudantil da educação infantil até o ensino médio

A minha trajetória estudantil iniciou-se ao longo dos quatro anos de idade, em meados dos anos 2000, quando fui matriculada em uma escola municipal de um distrito onde morava. Nessa época, as recordações que possuo mesclam entre positivas e negativas, acentuando nas desfavoráveis, principalmente relativas ao processo de inserção no ambiente escolar.

Lembro-me de chorar bastante em muitos dias por não querer frequentar a instituição. Entretanto, apesar de a escola não ser onde gostaria de estar, a figura da minha professora tornou-se fundamental para que, aos poucos, fosse me adaptando àquele ambiente até então estranho para mim. A docente, desde o início, mostrou-se acolhedora, amável, me trazia segurança e estava disponível para toda demanda emocional trazida por mim.

Ao longo do pré-escolar tive apenas a professora citada anteriormente, estudei apenas o primeiro e segundo períodos na instituição, o terceiro não foi necessário pois já me encontrava na idade ideal para estar matriculada no ensino fundamental.

Durante esses anos, lembro-me de ter pouca familiaridade com outras funcionárias do local e sobretudo educadoras, o contato maior e sentimento de afinidade era com a professora e minha avó que trabalhava no local há anos como auxiliar de cozinha e que, em vários momentos, se fazia presente e me apoiava.

Uma professora em específico, além da já mencionada, também me marcou na época, mas de maneira negativa. Com essa docente vivenciei *bullying*, pois ela me atribuiu um apelido com base em uma característica específica, mas que para ela, diferentemente de minha percepção, não passava de “um elogio”. Somente na vida adulta, fui entender o meu desconforto com o apelido, porque na época o termo *bullying* era desconhecido e este tipo de violência não era discutida e debatida nas instituições e mesmo na sociedade de forma mais ampla.

Um dos momentos mais agradáveis na instituição era o momento do recreio em que me sentia livre, brincava com meus colegas de turma, me divertia no pátio daquela escola que possuía infraestrutura capaz de atender de maneira significativa a toda comunidade, alunos, funcionários e pais.

As amigadas que eu tinha na escola, de certa forma, eram as trazidas do ambiente familiar, os vizinhos e filhos de amigos da família. Lembro-me de minha brincadeira preferida nessa fase ser “escolinha”, a qual era realizada na garagem de minha casa, local onde meus pais colocaram um quadro de giz. Nesta brincadeira, eu procurava sempre ser a professora, enquanto as outras crianças, eram meus alunos.

Quando me senti parcialmente adaptada ao ambiente escolar, veio uma fase de mais mudanças, o período da formatura, o momento em que eu necessitaria passar para uma escola com nível fundamental, porém na mesma localidade.

O dia da formatura na educação infantil foi complexo, novamente me deparei com um misto de emoções e sentimentos, pois ao mesmo tempo em que não queria estar no pré-escolar, não queria sair dele e perder o contato com minha amada professora, sair daquele ambiente que se tornou, ao longo do tempo, de certa forma “seguro” para mim.

O ingresso em outra instituição, também da rede pública, de início também não foi fácil, mas isso era de se esperar. Minha nova professora demonstrou-se paciente, amorosa, a adaptação ocorreu de maneira mais rápida.

A nova escola e a única disponível no distrito, era absurdamente maior comparada ao pré-escolar, com uma excelente estrutura, atendia alunos de diversas faixas etárias, desde ensino fundamental I ao ensino médio nos turnos da manhã, tarde e noite, além de nela trabalharem inúmeros funcionários e funcionárias.

O ensino fundamental I foi um período de inúmeras aprendizagens e descobertas, a leitura e a escrita, em especial, me apresentaram um mundo de possibilidades. Lembro-me de ter nessa fase da escolarização ótimas professoras que, com suas didáticas, despertavam meu interesse e desejo de aprender e também o dos colegas. Uma didática em especial, relacionada à área da matemática trago em destaque.

A professora, com quem tive a oportunidade de estudar na 3ª e 4ª séries, hoje 4º e 5º anos, além de explicar claramente o conteúdo, passava operações e problemas matemáticos para resolução e como prêmio oferecia biscoitos e doces. Assim como eu, toda turma adorava e se empenhava no estudo, muitas vezes até estudando mais em casa para alcançar melhor resultado na hora da atividade. Ela era

uma docente experiente na área e demonstrava preocupação com o aprendizado dos alunos, que em suas práticas e nos diversos conteúdos, tentava de maneira única, alcançá-los. Essa experiência deixou-me boas memórias afetivas em relação à professora e ao momento da minha trajetória estudantil.

Tardif (2002) em seu livro “Saberes Docentes e Formação Profissional” destaca a ideia da diversidade e do pluralismo do saber docente, refletindo sobre como esses aspectos podem fundamentar uma prática pedagógica que vá ao encontro de cada sujeito de forma mais assertiva.

Nessa fase pude conviver com diversas pessoas, fazer amizades que para mim foram fundamentais, mas novamente me deparei com episódios de *bullying*, que dessa vez, diferentemente da outra, foram praticados pelos próprios “colegas” de turma e alunos da escola. Neste caso, diferente da educação infantil, relatei para minha mãe o que estava acontecendo e diante disso tomei providências tentando acabar ou de certa forma amenizar o problema.

No ensino fundamental II, os conteúdos já começaram a se tornar mais difíceis, principalmente no final dessa fase. Houve um estranhamento de minha parte por causa dos diferentes professores que me deram aulas, dos quais, grande parte não eram tão próximos dos alunos, nem moravam no mesmo distrito, diferente de professoras da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental.

No 9º ano, tenho recordações de discussões na turma sobre como seria a etapa do ensino médio, a qual poderia ser feita em uma escola técnica de uma cidade próxima ou na mesma escola. Meu desejo, naquele momento, era estudar em uma instituição profissionalizante assim como a maioria dos colegas.

Diante dessa vontade dos discentes, uma professora de matemática se prontificou em ministrar um cursinho preparatório nesta área, do qual participei, mas diante de duas tentativas, em anos diferentes, não consegui ingressar em uma escola federal de ensino técnico.

A partir de então, continuei os estudos na mesma escola básica pública, mas apenas no 1º ano do ensino médio. Após esse momento, mudei para outra cidade para morar com outros familiares e continuei os estudos em uma escola pública estadual até a conclusão do ensino médio. Nessa nova escola, com mais maturidade

fiz alguns colegas, apesar de me sentir pouco familiarizada e tive pouco contato com professores, como era de se esperar.

Durante minha trajetória escolar na educação básica, desde a educação infantil ao ensino médio, diante dos acontecimentos e situações vivenciadas, é notável o quanto a figura do professor, especificamente de professoras nos primeiros anos de escolaridade, me marcaram de forma acentuada em comparação aos outros níveis de ensino.

3 A escolha profissional

A minha escolha profissional deu-se através de situações diferentes, mas com o mesmo fio condutor. No artigo Expectativas com a carreira docente: escolha e inserção profissional de estudantes de pedagogia, os autores Ostrovski et. al (2017) ressaltam sobre esse aspecto da escolha profissional, no qual envolve elementos diversos e é influenciada por fatores educacionais, familiares e sociais.

Com o final do ensino médio, no ano 2014, vi a necessidade de fazer o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Desde a infância, o curso dos meus sonhos era odontologia, recordo-me que, quando, nas aulas, os professores perguntavam a profissão que pretendia ser quando crescesse, decididamente respondia essa opção.

No entanto, comecei a me questionar se realmente me realizaria na profissão e essa dúvida se potencializou em um momento específico, a formatura da minha irmã em pedagogia. A partir dessa ocasião comecei a pensar nessa possível profissão, até então esquecida e não significativa, cogitando assim, a possibilidade de uma graduação na área da educação.

Com a abertura de mentalidade para uma possibilidade de graduação nesta área, comecei a avaliar as oportunidades de emprego, principalmente em minha cidade, que apesar de significativas se contrapõem à desvalorização da profissão esbarrando nos baixos salários, falta de estrutura e reconhecimento perante a sociedade.

No mesmo artigo citado anteriormente, os autores evidenciam duas dinâmicas contraditórias que embarcam a carreira docente, por um lado o status profissional com

a estabilidade de emprego e por outro baixos salários e condições precárias de trabalho.

Dito isto, na mesma época, realizei a prova do ENEM, porém minha pontuação não foi suficiente para iniciar os estudos no campo da odontologia, e, embora o fosse para ingressar no curso de pedagogia em outras instituições de ensino, estava indecisa em relação a esta escolha profissional.

Após os acontecimentos mencionados, comecei a trabalhar em minha cidade, por cinco horas diárias e cinco dias na semana, em uma escola particular como monitora de educação infantil. A instituição apresentava décadas de história, atendia alunos de diversos níveis educacionais, da educação infantil ao ensino fundamental II, possuía uma boa infraestrutura, capaz de atender de forma adequada seu quadro de alunos e funcionários.

Como monitora na instituição, tive a oportunidade de presenciar a rotina de uma turma do maternal III, onde havia em média quinze alunos matriculados, na transição de dois para três anos de idade. Nessa sala faziam-se presentes além de mim, mais uma monitora e a professora regente.

Desde quando comecei a trabalhar fui bem recebida por todos os membros da comunidade escolar, desde funcionários, alunos, pais, e em especial professora da sala na qual trabalhamos juntas. A docente, com sua postura firme, mas sobretudo carinhosa, amorosa e respeitosa com seus alunos me encantou desde os primeiros dias de trabalho.

Em sala de aula, e também fora dela, auxiliava a professora em todas as atividades que fossem necessárias, sempre com interesse e olhar atento, em busca de aprendizados e do entendimento de como funcionava, na prática, a realidade escolar.

A docente, na época, possuía cinco a dez anos de carreira docente, tinha em torno de trinta anos de idade e trabalhava na instituição há mais de uma década. Em uma das conversas, lembro-me que ela relatou que, quando começou a trabalhar no local, sua primeira experiência foi como monitora, assim como eu, e após vivenciar o contexto escolar optou pela graduação em pedagogia.

Era nítida a responsabilidade com que ela vivenciava a sua profissão. A educadora executava as atividades diárias sempre com maestria e entusiasmo, criatividade, ludicidade, organização, planejamento e disponibilidade, fazendo com que os educandos se fizessem pertencentes à construção de seus conhecimentos.

Durante as aulas havia momentos reservados para atividades de colagens, pinturas, desenhos, contação de histórias, brincadeiras, jogos entre outros. Aquele ambiente escolar proporcionava momentos para que pudesse haver esta diversidade de ações.

Tardif (2000) ressalta que os saberes dos professores são produzidos por diversas facetas e são oriundos de diferentes fontes sociais, culturais e profissionais. Essas facetas se complementam, e se constituem em saberes construídos culturalmente, socialmente, através de experiências, vivências, que estão relacionadas à teoria estudada e sobretudo a prática profissional.

Dito isto, é notável que a educadora era capaz de disponibilizar diversos saberes para aqueles educandos e de maneira, como descrita anteriormente, tão possível de alcançá-los em suas individualidades e, ao mesmo tempo, coletivamente a partir de processos vividos fora, mas especialmente dentro do âmbito escolar.

Além do que foi explicitado anteriormente e ainda discorrendo sobre o exercício da docência na instituição, minha convivência e interação com outras professoras se fazia presente em vários momentos. Conversávamos sobre assuntos escolares e do cotidiano na entrada e saída, nos recreios, nas apresentações dentro do espaço e externas.

As trocas de experiências educacionais e profissionais que o ambiente escolar me proporcionou, o convívio diário naquela época, durante período de um ano, com todos os envolvidos na comunidade escolar e, principalmente, no exercício da docência me propiciou diversos ensinamentos e clareza sobre a escolha do curso e carreira profissional que, a partir daquele momento seria a pedagogia.

Os autores do artigo “Expectativas com a carreira docente: escolha e inserção profissional de estudantes de Pedagogia” (Ostrovski et al, 2017, p. 33), destacam a respeito da escolha do curso de graduação: “A escolha do curso de graduação é

impactada pela conjuntura econômica e política do período, pelas expectativas em relação à carreira e pela aproximação com a prática profissional”. Essa premissa ajuda a explicar os efeitos da minha experiência como monitora da educação infantil no processo de escolha do curso e da profissão. Além disso, sobre a escolha da carreira, Nóvoa (2017), no texto intitulado “Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente” chama a atenção para a seriedade da escolha da formação para uma profissão da área de humanas. Segundo ele:

Entrar num curso de formação para uma profissão do humano como o ensino ou a medicina, não é a mesma coisa do que entrar para um outro curso qualquer. É preciso conhecer as motivações dos candidatos, o seu perfil, a sua predisposição para a profissão docente. É preciso dar-lhes um primeiro conhecimento da profissão, verificar se têm as condições e as disposições para serem professores (Nóvoa, 201, p.16).

Desta forma, em concordância com o posicionamento de Nóvoa, os cursos voltados a esta delicada área necessitam ser escolhidos com motivação clara e não se constituir como uma única opção de escolha dos indivíduos, por motivos variados que vão desde a comodidade de um curso a distância, ou o sentimento de estabilidade, por exemplo.

Portanto, as vivências na escola citada, enriqueceram meu repertório de maneiras diferentes, primeiramente e, em especial, pela nitidez que obtive sobre a escolha do curso e da carreira profissional e também das contribuições delas para meu engrandecimento pessoal.

4 Vivências na Universidade

O ingresso na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), em meados do ano de 2021, durante o período da Pandemia da Covid-19, aconteceu-me de forma surpreendente. Todavia, diante da experiência de trabalho mencionada na seção anterior deste memorial, antes de iniciar os estudos na instituição federal, experimentei fazer o curso de pedagogia em uma faculdade particular à distância na minha cidade, o qual não superou minhas expectativas.

A partir da breve experiência na instituição privada de ensino superior, percebi que um curso presencial seria fundamental para mim, mas para isto precisaria de uma

preparação e, então, fiz um cursinho de redação para o Exame Nacional do Ensino Médio que foi primordial para que ingressasse na Universidade Federal de Ouro Preto.

Ao ingressar em uma universidade federal e ainda mais em um período tão delicado, o da pandemia da Covid 19, foi desafiador. O momento me trouxe um misto de emoções e sentimentos desde felicidade, medo, euforia e ansiedade. Ter a possibilidade de estudar em uma instituição de ensino superior foi a realização de um sonho.

Meu desejo sempre foi de estudar em uma instituição de ensino renomada, porém muitas vezes desacreditava nessa possibilidade. A autora Piotto (2016), ao estudar histórias de estudantes de camadas populares ingressantes em universidades públicas, chama a atenção para a entrada a este “mundo”, no qual muitas vezes, pelas histórias de vida, é visto como inalcançável.

Em cada período vivido na academia enfrentei obstáculos, mas também alcancei conquistas importantes para minha vida pessoal e acadêmica. Piotto (2016) a partir de análises de relatos de universitários, chama a atenção para esses aspectos e a diversidade de emoções e sentimentos que comumente são experimentados pelos estudantes ao longo da trajetória acadêmica.

De início, a maior dificuldade foi começar os estudos de forma remota, utilizar os meios para que isso fosse possível, me concentrar no ambiente de minha casa para estudar. Porém, ao mesmo tempo, foi benéfico, pois desse modo eu consegui continuar trabalhando sem precisar me deslocar para Mariana todos os dias.

O acesso à plataforma Moodle, local que deveria ser acessado diariamente para o acompanhamento das disciplinas cursadas, no começo, de certa forma me trouxe inquietude, juntamente com a falta do contato físico com professores e principalmente com os colegas de turma.

Lembro-me que as primeiras atividades e, sobretudo, a apresentação de seminários foram custosas. Todavia, com o passar dos períodos cursados, ao se tornarem habituais e necessárias, estas tarefas foram encaradas por mim de outra forma, de maneira menos desconfortável.

A interação com professores e sobretudo com meus colegas de turma, como já mencionado acima, por causa deste período, ficou comprometida. Isso dificultou,

por exemplo, a discussão e execução de atividades, principalmente em grupo, de maneira mais positiva, situação que se alterou após as aulas voltarem ao formato presencial.

O momento de mudança do formato das aulas, além de modificar de forma positiva a interação, me proporcionou a sensação de ingressar na academia verdadeiramente, explorando as possibilidades que nela estariam disponíveis para mim além dos seus espaços de estudo e convivência acadêmica.

Algumas disciplinas cursadas foram mais difíceis e incompreensíveis do que outras, tanto no entendimento dos conteúdos, das atividades, das formas de avaliação e também da didática. Algumas didáticas adotadas pelos professores eram mais próximas à minha experiência educacional, mais do que outras, assim como os conteúdos, com alguns me sentia mais familiarizada por relacioná-los a vivências.

Outro ponto, previamente mencionado acima e que, da mesma forma, foi fundamental para completar minha trajetória na universidade, ao mesmo tempo distanciou-me dela, foi o exercício do trabalho. Durante dois anos, durante o período da graduação, na cidade onde moro, desfrutei da possibilidade de realizar um estágio não obrigatório auxiliando crianças com deficiências em dois Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIs).

Estando no ambiente escolar novamente, mas sobretudo cursando a graduação na área da educação, pude entender de forma mais clara como a teoria estudada na universidade poderia ser aplicada na realidade das escolas e a necessidade da formação teórica que fornece subsídios para construir e pensar a prática. Estando em sala de aula, pude lembrar muitas vivências da época em que fui monitora e reafirmar meu desejo de ser pedagoga.

Sobre a relação entre teoria e prática, e a relevância na formação dos professores, os pesquisadores Tardif (2000) e Nóvoa (2017) partem do mesmo pressuposto de que as duas vertentes são indissociáveis. Segundo Nóvoa:

A formação deve funcionar em alternância, com momentos de forte pendor teórico nas disciplinas e nas ciências da educação, seguidos de momentos de trabalho nas escolas, durante os quais se levantam novos problemas a serem estudados através da reflexão e da pesquisa (p.11).

Entretanto, o trabalho e, conseqüentemente, a falta de tempo disponível para outras atividades, me impediu de vivenciar e desfrutar dos benefícios que a academia

é capaz de oferecer aos seus discentes como, por exemplo, participação em grupos de pesquisas e atividades extensionistas.

Piotto (2016), ao investigar sobre a relação entre o trabalho e a formação acadêmica, descreve esses dois lados, os prejuízos que o trabalho pode trazer a escolarização nesta etapa, todavia a possibilidade de estudantes circularem em diferentes espaços sociais, conviverem com situações, pessoas diferentes e estas experiências oportunizarem momentos de inflexão em suas histórias.

Além da experiência adquirida no estágio não obrigatório, outro ponto que destaque foi a realização dos estágios supervisionados. Os estágios, componentes obrigatórios do curso, presentes na grade curricular a partir do quarto período, iniciados na educação infantil, passando pelo ensino fundamental, gestão e ambientes não escolares foram, como referido acima, ainda que, difíceis de realizar principalmente pela falta de tempo, um tanto quanto reflexivos.

Dentro dos diversos níveis educacionais me identifiquei menos com os estágios na gestão e no ambiente não escolar. Acredito que por estar mais familiarizada com o dia a dia e a rotina das salas de aula e o contato próximo com os alunos que ela proporciona. Os ambientes escolares que extrapolam a sala de aula me causaram estranhamento e sensação de desconforto.

Entretanto, na realização do estágio no ambiente não escolar pude ter mais clareza de como o pedagogo pode atuar em outros segmentos educacionais da sociedade diferentes da escola. Inclusive foi durante a graduação que me deparei com essa descoberta, apesar de em poucas vezes, discussões acerca disso terem sido feitas.

Em uma disciplina eletiva específica cursada, a temática dos espaços não escolares para atuação do profissional da pedagogia esteve em questão. Com a oportunidade de cursá-la ficou evidente o leque de possibilidades desse profissional como, por exemplo, com a atuação na gestão, no meio empresarial e hospitalar, em Organizações Não Governamentais (ONGs), no meio social, entre outros.

Ainda se tratando de disciplinas eletivas, essa foi uma outra questão complicada de serem cursadas por diferentes motivos. Dentre eles, destaco a pouca

oferta em cada período, os horários que muitas vezes eram os mesmos das disciplinas obrigatórias e falta de informação sobre essas disciplinas.

Por fim, depois de todas as vivências descritas, ressalto o quanto o meio acadêmico me proporcionou mais dinamismo, interação, trocas de experiências, aprendizados, descobertas, vivências, amizades, capacidade de enfrentamento, realizações e o mais significativo, múltiplas reflexões acerca da profissão docente.

5 As contribuições das experiências escolares para minha constituição como pedagoga

Durante o curso de pedagogia, ao estudar diversos conteúdos nas disciplinas, voltei o olhar para as experiências escolares vivenciadas, tanto como aluna quanto como estagiária docente e futura profissional. Esse olhar fundamentado pela fundamentação teórica sólida do curso possibilitou, gradativamente, a análise das contribuições que essas experiências produziram na minha constituição como pedagoga.

Sobre esse aspecto, Nóvoa (1992, p.13), enfatiza: "estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projectos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional." Sendo assim, pensar e refletir sobre minha própria formação - a partir dos diversos componentes curriculares e de outras experiências na universidade -, é parte desta minha constituição profissional fundada nos processos internos e simbólicos da configuração do "ser professora", ser pedagoga.

Nas disciplinas que abordaram temas relativos à educação infantil, em que foram estudadas e debatidas as especificidades dessa etapa da escolarização básica que, ainda hoje, mesmo após ocorridas mudanças significativas, não é tão valorizada e carece, por parte de todos os profissionais presentes no ambiente escolar, um olhar diferenciado para as demandas dos estudantes, principalmente os ingressantes.

A primeira etapa da educação básica, conforme aprendido, é uma fase crucial para a vida da criança. É nesse momento que ela é inserida no âmbito escolar e a partir daí estimulada para que desenvolva e potencialize suas habilidades sócio

emocionais, cognitivas e físicas e dependendo da maneira de como esta inserção ocorre, são produzidas marcas favoráveis e/ou desfavoráveis à sua trajetória escolar.

Dito isto, lembrei momentos vividos e do acolhimento recebido da professora quanto da presença afetiva da minha avó que acompanhou de perto este momento da minha trajetória educacional. Todavia, experiências negativas também estavam presentes e deixaram suas marcas nesta trajetória. A exclusão sentida e vivenciada no ambiente escolar, agora de forma mais ampla, despertou minha reflexão para o tipo de docente que pretendo ser e que tive oportunidade de exercer durante o tempo como estagiária na educação básica: atenta ao que acontece em sala de aula, ao entorno da escola, às relações que seus alunos estabelecem consigo e com os outros.

Nóvoa (1992, p.16) em “Formação de professores e profissão docente”, salienta que a “formação passa pela experimentação, pela inovação, pelo ensaio de novos modos de trabalho pedagógico. E por uma reflexão crítica sobre a sua utilização. A formação passa por processos de investigação, diretamente articulados com as práticas educativas.”

De certo modo, desejei, mesmo que, inicialmente, de modo inconsciente, voltar à instituição, agora na figura de professor e não mais de aluno para ressignificar minha história de vida escolar, enxergar e viver o ambiente com outros olhares, de uma outra faceta, como um local com potencialidades e oportunidades de transformar a vida das pessoas de forma positiva.

O exemplo de professoras responsáveis, comprometidas com o trabalho, o ensino e com seus alunos desde a educação infantil, passando pelos anos iniciais e sobretudo, de forma mais ampla, em todo o ambiente escolar em que estive presente, foram primordiais para a minha constituição como docente e como pedagoga.

As experiências profissionais na área, trouxeram-me contribuições ímpares, pois estando em sala e em momentos distintos da vida pude perceber e viver a pedagogia de maneiras diversas, com outros enfoques e questionamentos. Neste sentido, Nóvoa (2017, p.18) discorre que “por isso, é tão importante construir um ambiente formativo com a presença da universidade, das escolas e dos professores, criando vínculos e cruzamentos em os quais ninguém se tornará professor.”

No momento em que trabalhei como monitora, no período da adolescência, na escola particular, ainda que não tivesse os conhecimentos científicos da área da educação, a experiência, trouxe outros ensinamentos; essa fase me abriu o olhar para o âmbito educacional, enxergando-o como espaços que passam por constantes transformações e o que foi vivenciado marcou-me de forma otimizadora.

Por conseguinte, no período de realização do estágio não obrigatório, estudando na universidade, pude associar as vivências no cotidiano da escola com as disciplinas cursadas e expandir meu olhar para o contexto educacional, reafirmar o desejo de pertencer a área da educação, desejo esse advindo na adolescência.

Os contextos familiares, bem como as experiências laborais mencionadas, proporcionaram-me o contato de forma direta com a profissão e trouxeram contribuições para minha construção como pedagoga, essa construção, como enfatiza Tardif (2000), é advinda de esferas diversas, sociais, culturais e relacionais.

Os três anos de formação no curso de Pedagogia e de forma mais notória os últimos períodos, reafirmaram minha certeza da escolha da profissão e o desejo da área de atuação: pedagogia escolar e sobretudo na sala de aula, tendo contato direto com os educandos. Segundo Ostrovski et al. (2017, p.33) “o papel da universidade é ser moderadora do comportamento humano, organizando o processo de aquisição de habilidades, atitudes e conhecimentos específicos para a participação consciente e crítica no sistema social”.

Essa certeza, presente até o momento, confirmou-se através da presença nos espaços escolares e estágios obrigatórios, pois dentre os quatro realizados os que mais senti interesse e empolgação foram aqueles em que o contato direto com os estudantes era mais estreito e próximo, ou seja, a docência na sala de aula. Diante disso, considero que a proximidade entre professor e aluno, faz-se necessária durante toda a trajetória escolar, de maneiras e em situações diversas. A proximidade faz com que os educandos não se sintam “sozinhos”, mesmo que cercados por variadas pessoas.

As professoras com quem convivi durante toda a minha trajetória escolar e que me marcaram de modo positivo, utilizo como espelhos. A figura do professor sempre foi um ponto de referência para mim e me faz refletir diariamente sobre a

responsabilidade que esse profissional tem sobre as vidas das crianças e jovens. Sobre isto, Nóvoa (2017), evidencia:

Tornar-se professor é transformar uma predisposição numa disposição pessoal. Precisamos de espaços e de tempos que permitam um trabalho de autoconhecimento, de autoconstrução. Precisamos de um acompanhamento, de uma reflexão sobre a profissão, desde o primeiro dia de aulas na universidade [...]. (p. 16)

Outras contribuições para minha constituição como pedagoga vieram do contexto familiar, onde o contato com a profissão, como mencionado em outra seção deste memorial, esteve presente me trazendo motivação, proximidade ainda maior, sensação de segurança para enfrentar os desafios diversos advindos da profissão.

Posteriormente ao que foi mencionado, segundo minhas percepções, as experiências vivenciadas no ambiente escolar, tanto no que se refere ao período de aluna ou a “vir a ser professora”, contribuíram de formas distintas para minha constituição como pedagoga que já sou e serei, quando estiver atuando no ambiente escolar.

6 CONCLUSÃO

No decorrer deste memorial foram descritas vivências em um longo espaço de tempo, no contexto do ambiente escolar. Estas recordações foram relatadas em momentos distintos, no período em que fui estudante da educação básica, graduação e trabalhadora na área. Entretanto, dentre todas as vivências, elenco algumas que foram fundamentais para minha constituição como pedagoga e professora.

A primeira, trata-se de minha experiência de trabalho como monitora escolar e, mais tarde, como estagiária. Nesta fase tudo experienciado no ambiente escolar foi decisivo para a escolha da pedagogia como profissão. Na escola, local em que o contato diário com todos os envolvidos na esfera escolar se fez presente, tive a oportunidade de enxergar o ambiente escolar de uma outra faceta.

O ambiente escolar que, durante um tempo, foi um lugar para o qual eu não pretendia voltar, a partir dessa experiência laboral, apesar de acontecida em um curto espaço de tempo, se tornou um lugar atrativo e potencialmente representativo para o meu futuro profissional.

A segunda, foram os exemplos que tive de ótimas professoras, principalmente na educação infantil e nos anos iniciais. Os exemplos de discentes comprometidas com um responsável trabalho da docência, suas práticas, maneiras diferentes e criativas de trabalhar os conteúdos, habilidades e adaptá-las às realidades e especialmente educadoras sensíveis às necessidades sócio emocionais dos educandos, tornaram-se para mim um espelho profissional.

Desta maneira, destaco que minha primeira professora me marcou muito e de forma positiva, assim como a da primeira turma em que trabalhei e a que tive a oportunidade de estar em sala no estágio não obrigatório. Essa afirmação vai ao encontro do que Nóvoa (2017. p. 17) ressalta: “Não é possível formar professores sem a presença de outros professores e sem a vivência das instituições escolares”.

A terceira vivência que contribuiu para minha constituição profissional foi o período de realização do estágio não obrigatório, o qual teve a duração de dois anos. Realizar esse estágio no período da graduação possibilitou-me além da certeza da escolha da profissão, muitas reflexões sobre minha própria formação e meu futuro profissional.

A partir das experiências na escola, os conteúdos estudados e aprendidos na universidade, ao longo de toda a graduação, foram possíveis de serem vistos de forma mais concreta e colocados em prática, durante o estágio. A importância desta articulação entre teoria e prática é abordada por Tardif (2002) que defende a necessária relação que deve haver entre teoria e prática, em um processo contínuo, no processo formativo. Para ele, os estudantes da graduação precisam de momentos de estudo aprofundado na universidade e para que o que foi estudado seja experienciado, na prática.

Neste sentido, estando no universo da sala de aula neste outro momento, experienciei como o trabalho do pedagogo realizado de forma comprometida é capaz de deixar marcas nas histórias de vida assim como deixou na minha e que pretendo deixar a vida dos quais serei responsável na sala de aula e em todo ambiente escolar.

Por fim, fazer esse memorial acadêmico, o qual iniciou-se no início da graduação e foi elaborado progressivamente ao longo da formação, possibilitou-me revisitar e analisar meu passado e as experiências escolares de maneira mais crítica considerando cada tempo em que foram vivenciadas.

Desse modo, com ele foi possível identificar o quanto minha constituição como pedagoga e professora se deu por aspectos diversos, da esfera social, educacional e cultural e, acima de tudo, estou ciente da premissa de que esse profissional está em constante constituição e transformação e que fatores e tempos distintos interferem nesse processo.

7 REFERÊNCIAS

Nóvoa, António. Devolver a formação de professores aos professores. **Cadernos de Pesquisa em Educação**, vol. 18(35), p. 11-22, 2012.

Nóvoa, António. Firmar a posição professor, afirmar a profissão docente. **Cadernos de pesquisa**. v.47 n. 166 p.1106-1133 out. /dez. 2017.

Nóvoa, António. Formação de professores e profissão docente. **Publicado em Nóvoa, António, coord. - "Os professores e a sua formação"**. Lisboa: Dom Quixote, 1992. ISBN 972-20-1008-5. p. 13-33.

Ostrovski, C.; De Souza, C.; Raitz, T. Expectativas com a carreira docente: escolha e inserção profissional de estudantes de Pedagogia. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 98, n. 248, 27 abr. 2017.

Piotto, D. C. Trajetórias escolares prolongadas nas camadas populares. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 135, p. 701-727, 2008.

Piotto, D. C. e Alves, R. O. O ingresso de estudantes das camadas populares em uma universidade pública: desviando do ocaso quase por acaso. **Revista De Educação PUC-Campinas**, 21(2), p. 139-147, 2016.

Prado, G. V. T; Soligo, R. Memorial de Formação: quando as memórias narram a história da formação. **Revista Proesf**. Memoriais. Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, 2013.

Tardif, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

Tardif, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários. **RBE**, ANPED, São Paulo, n. 13, jan./abr. 2000.

Universidade e formação docente. António Nóvoa. Instituto de Biociências, Unesp, Botucatu. Abril, 2000.